
O ENSINO SUPERIOR EM TURISMO E O ENADE: UM ESTUDO BASEADO EM DADOS DE PERFIL DO ESTUDANTE.

*Ana Carolina Fantini Gobbi*⁹

*Marcelo Augusto Mascarenhas*¹⁰

*Amanda Chaves Pinheiro*¹¹

RESUMO: É inegável que os cursos superiores de turismo no Brasil têm passado por uma grande transformação ao longo dos últimos anos. Do curso da moda no início da década passada, ao nítido decréscimo no número de graduações, alunos e resultados obtidos nos ENADEs de 2006, 2009 e 2012, muitas coisas mudaram. É sob esta ferramenta de análise do ensino superior no Brasil que este artigo busca focar seu direcionamento. Por meio de uma análise comparativa entre os resultados dos anos em questão, este trabalho busca compreender qual é, e como tem se modificado o perfil do estudante de turismo no Brasil ao longo destes anos. Desta forma, tentou-se ampliar um pouco o foco apresentado nos resultados divulgados pelo INEP. O presente estudo mantém um olhar bastante atento às diferenças de gênero entre os estudantes de turismo avaliados pelo ENADE, e como o comportamento / perfil destes dois grupos foi apresentado ao longo dos anos de análise. Como elemento final deste trabalho, ressalta-se aqui a necessidade de monitorar constantemente as transformações quantitativas e qualitativas apresentadas pelos cursos de turismo em todo o Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo. Ensino. ENADE. Perfil. Estudante.

ABSTRACT: It is undeniable that the superior courses of tourism in Brazil have undergone a great transformation during the last years. From the fashion course at the beginning of the last decade, to the clear decrease in the number of graduations, students and results obtained in the 2006, 2009 and 2009 ENADEs. It is under this tool of analysis of higher education in Brazil that this article seeks to focus its direction. Through a comparative analysis between the results of the years in question, this work seeks to understand what is and how the profile of the student of tourism in Brazil has changed over the years. In this way, we tried to broaden the focus on the results released

⁹ Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), Campus Petrópolis.

¹⁰ Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), Campus Petrópolis.

¹¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Campus Juiz de Fora.

by INEP. The present study maintains a very attentive focus on gender differences among tourism students evaluated by ENADE, and how the behavior / profile of these two groups was presented over the years of analysis. As a final element of this work, the need to constantly monitor the quantitative and qualitative transformations presented by tourism courses throughout Brazil is emphasized.

KEYWORDS: Tourism. Education. ENADE. Profile. Student.

1. INTRODUÇÃO

Quando se pensa em estudos sobre o turismo, é muito comum imaginar pesquisas direcionadas para o mercado, as empresas, os turistas, entre outras abordagens do gênero. Apesar da importância destas questões, também é fundamental lembrar que, a existência destes elementos depende em grande parte de um elevado número de estudantes e profissionais que optam por se graduar no campo de turismo, e fazer deste universo a sua área de conhecimento principal.

Considerando o Brasil como um país repleto de cursos superiores na área de turismo, e um universo de estudos bastante valioso, também pode-se dizer que um desafio muito grande é obter dados e informações sobre os cursos e estudantes que estejam focados nesta área de atuação, uma vez que as dimensões geográficas do país poderiam inviabilizar economicamente a realização de um estudo com foco neste assunto.

Frente à dificuldade citada, uma possibilidade muito interessante para obter dados, e tentar compreender um pouco melhor qual o perfil dos estudantes de turismo, é buscar a existência de números já existentes em órgãos de pesquisa nacionais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), e também o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Como o foco deste trabalho é o estudo de informações sobre estudantes de cursos superiores de turismo no Brasil, a busca de dados será concentrada na área de estatísticas do INEP.

É importante destacar a necessidade de pesquisas educacionais sobre os cursos e estudantes de turismo, uma vez que esta área tem passado por transformações razoáveis ao longo dos anos, como por exemplo a criação dos cursos de graduação tecnológica, a dúvida sobre a continuidade destes cursos, a real conexão que tem sido realizada entre

os alunos formados em turismo e o mercado de trabalho nesta área, entre outras questões. Para melhor compreender estes e outros desafios, pode-se afirmar que é muito importante a realização de mais pesquisas focadas no aspecto educacional do turismo, e é por esta mesma razão que o desenvolvimento deste trabalho se justifica.

Para desenvolver este artigo, o problema de pesquisa que direcionou a investigação realizada foi: É possível realizar um estudo de perfil dos estudantes de turismo, ainda que de forma parcial, usando apenas dados e informações já coletadas e disponibilizadas por órgãos de pesquisa com representatividade nacional?

De forma complementar ao problema de pesquisa apresentado aqui, pode-se dizer que o objetivo deste estudo é investigar e resumir, da melhor forma possível, um variado conjunto de dados ofertados pelo INEP, e que sejam capazes de nos mostrar algumas informações pouco divulgadas sobre o perfil e comportamento dos estudantes de turismo no país.

Na próxima seção deste artigo, será apresentada uma breve revisão bibliográfica, com o intuito de amparar teoricamente o leitor ou a leitura deste trabalho, sobre a expansão do ensino superior no Brasil ao longo dos anos.

2. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Para ter um melhor entendimento sobre o cenário vivido pelo ensino superior nos dias de hoje, é importante fazer uma viagem no tempo e realizar uma breve análise sobre políticas e ações do Governo Federal, que tiveram início nos anos 90, durante os mandatos do então presidente, Fernando Henrique Cardoso (FHC).

Apesar do baixo investimento nas universidades federais e instituições públicas de ensino superior, durante o governo de Fernando Henrique foram adotadas medidas de estímulo à abertura de novos cursos superiores, especialmente na rede privada de educação. Durante os anos 90, a expansão das universidades privadas começou a tomar proporções nunca vistas antes, e um grande número de cursos passou a existir em poucos anos no Brasil. Foi possível observar também um elevado número de cursos superiores noturnos, focados em atender as classes trabalhadoras que não tinham tempo livre durante o dia, mas poderiam ingressar em uma graduação durante a noite. Como o acesso a computadores e à internet era bastante limitado, o foco estava direcionado para

cursos de graduação presencial. Pode-se dizer que, ao longo deste processo expansionista, o Ministério da Educação vivenciou uma quantidade de pedidos para a abertura de novos cursos nunca antes vista no país (MANCIBO; VALE; MARTINS, 2015).

Ainda durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, em decorrência do processo de expansão dos cursos superiores, começaram a surgir indícios que mostravam o quão danoso poderia ser um processo de expansão baseado apenas na oferta de mais cursos, sem pensar na qualidade do ensino ofertado. Diante dos vários casos de fraude ou de baixa qualidade no ensino que vinham à tona publicamente, o governo federal achou por bem tomar algumas medidas que pudessem ajudar a coibir a expansão dos cursos sem qualidade, ou mesmo avaliar os cursos e estudantes que já estavam em atividades, para verificar se os mesmos tinham as condições necessárias para serem reconhecidos como parte da educação superior no Brasil. É a partir deste processo que surge o trabalho avaliativo denominado Exame Nacional de Cursos (ENC), conhecido popularmente como Provão.

Com o fim do governo de Fernando Henrique, no ano de 2002, o Brasil passou a ser governado por Luís Inácio Lula da Silva, que continuou a investir nas instituições de ensino superior, só que desta vez com maior ênfase nas universidades federais e outras instituições desta mesma esfera de governo, como os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) e as escolas técnicas espalhadas pelo Brasil (BARROS, 2015). Um famoso programa criado pelo Governo Federal é o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), criado em abril de 2007. No ano seguinte, em 2008, o governo também apresentou mais uma medida para reformular a rede federal de ensino no país, o que acabaria por envolver grande parte dos CEFETs e escolas técnicas; fala-se aqui da Lei 11.892, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, onde foram criados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Seja no REUNI ou na política de criação dos Institutos Federais, pode-se afirmar que o governo federal fez uma grandiosa injeção de capital nestas instituições de ensino, e também disponibilizou um elevado número de vagas para realizar concursos e contratar novos professores e profissionais técnico-administrativos. Todo este investimento acabou por direcionar um processo de expansão da rede federal para além de suas cidades sede – a partir daí, começou a emergir uma forte política de multi

campi, o que levou universidades e institutos federais a diversas cidades no interior do Brasil, e que tinham acesso muito difícil aos locais onde eram ofertadas as vagas públicas de ensino superior no país.

Ainda neste processo de expansão vivenciado durante o governo de Lula, viu-se também o estímulo à oferta de novas modalidades de graduação, como os cursos de graduação tecnológica, em tese mais interessantes para o mercado de trabalho por conta de uma formação mais rápida (SANTOS; COSTA; MALERBA, 2015), normalmente em três anos, e também maior estímulo à oferta dos cursos de licenciatura, em uma tentativa do governo federal de estimular um processo mais amplo de formação de professores para atender à grande demanda do ensino fundamental e médio no país, especialmente das vagas existentes em escolas públicas.

Ainda falando deste processo expansionista, mas de uma outra modalidade, também é fundamental citar as ações de incentivo ao ensino na modalidade à distância (ALONSO, 2010). Ações como a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), e do consórcio CEDERJ, no Estado do Rio de Janeiro (CASSIANO, 2016), são dois exemplos que ajudam a ilustrar como o ensino superior à distância vem sendo estimulado, e trata-se de um processo sem volta nas ações educacionais que seguem em pleno desenvolvimento, especialmente se consideradas a expansão da sociedade informacional que vem se consolidando a cada ano (CACHO; AZEVEDO, 2010).

3. SOBRE O ENADE, O SINAES E A AVALIAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Como dito na seção anterior, é possível afirmar que a expansão do ensino superior sem critérios adequados para a manutenção da qualidade, acabou por criar a necessidade de mecanismos que, de certa forma, pudessem ajudar na separação entre os cursos de qualidade boa, aceitável, e abaixo do aceitável.

No ano de 1996, para trabalhar com a verificação de padrões do ensino superior ofertado no Brasil, foi criado o Exame Nacional de Curso (ENC), o Provão, que avaliava o desempenho dos alunos que concluíam graduação, e atribuíam notas que seriam utilizadas para avaliar suas instituições de origem (POLIDORI, 2009). Durante o tempo de sua existência (entre 1996 a 2003), o ENC de cursos foi duramente criticado enquanto processo avaliativo, uma vez que era considerado extremamente superficial frente aos elementos que se propunha avaliar. Com a saída de Fernando Henrique da

presidência do Brasil, o provão foi extinto e deu lugar então à metodologia que veio sendo construída nos anos seguintes e prevalece até hoje.

Ao observar o processo corrente de avaliação do ensino superior no Brasil, pode-se dizer que todo o trabalho está centrado no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). O sistema em questão envolve três processos avaliativos: um deles trabalha a avaliação das instituições de ensino superior, outra parte do processo envolve a avaliação dos cursos superiores, e a etapa focada neste artigo, o ENADE, tem seu direcionamento indicado para avaliar o desempenho dos estudantes. De acordo com o governo federal e os instrumentos de avaliação disponíveis para consulta, o Sinaes avalia não apenas o ensino, mas também as áreas de pesquisa e extensão desenvolvidas no processo de formação superior.

Com base no desempenho apresentado pelas instituições, cursos e alunos, são atribuídas notas a cada um destes, de modo a verificar qual o nível de qualidade apresentado por cada elemento. O processo de avaliação destes itens tem seguido períodos que oscilam entre 3 e 4 anos para que as etapas sejam reiniciadas. Falando especificamente do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes, ele tem se repetido de 3 em 3 anos, e para os cursos superiores de turismo foi aplicado exatamente em 2006, 2009, 2012 e 2015.

Assim como ocorreu no Provão, o ENADE também passa por uma série de questionamentos quanto à sua validade para avaliar aquilo que se propõe. Seja por interesse de acadêmicos, ou mesmo dos próprios alunos de diferentes cursos, é muito comum existirem ações de boicote a estes exames, como o incentivo ao não comparecimento aos locais de prova, ou mesmo a entrega da prova em branco.

À medida que o tempo passa, surgem, enfraquecem e regressam algumas propostas que visam condicionar a entrega do diploma à participação (e um possível desempenho mínimo) no ENADE. Mesmo que o exame seja obrigatório para os estudantes que são selecionados pelo processo de amostragem do INEP, pode-se dizer que é fácil justificar a ausência na prova, caso o estudante opte por não ir ao exame. O resultado do aluno na prova também não impede que o aluno obtenha o diploma do ensino superior cursado, mas em um futuro próximo, dependendo de condições políticas para tal, é possível que o ENADE possa exercer o mesmo papel que o exame aplicado pela Ordem dos Advogados do Brasil – limitar a atuação profissional dos graduados que apresentarem nota insatisfatória na prova. Mesmo que este procedimento ainda não seja

uma realidade, é importante ficar atento a caminhos possíveis para ações avaliativas como as trabalhadas pelo governo federal até o momento.

Independente da época ou do instrumento de avaliação aplicado pelo governo ou órgãos de categoria profissional, é válido ressaltar que este tipo de procedimento sempre levanta questões e críticas quanto à sua validade e adequação para tal. Também é importante compreender que, mesmo havendo discordância, o Governo Federal tem autoridade e poder legal para trabalhar com ações de avaliação do ensino ofertado no país, sendo assim, diante deste cenário, é necessário compreender a validade deste processo (mesmo quando há discordância), e procurar desenvolver ações que ajudem na melhoria deste trabalho.

Para dar continuidade ao presente artigo, na próxima seção será exposta uma breve revisão de literatura sobre o ensino superior de turismo no Brasil, e como estes cursos têm sido avaliados pelo governo federal.

4. UM OLHAR SOBRE O ENSINO SUPERIOR EM TURISMO E SUA AVALIAÇÃO

Apesar da quantidade de cursos superiores de turismo no Brasil, é interessante notar que a oferta de graduação nesta área de ensino é uma atividade bastante recente no Brasil, se comparada a outros cursos superiores mais conhecidos, como administração, direito, engenharia, história, etc. Pode-se dizer que os primeiros cursos superiores de turismo no Brasil surgiram na década de 70, e foram se expandindo de forma bastante lenta nas duas décadas seguintes (MATIAS, 2012).

No final dos anos 90 e início dos anos 2000, o Brasil vivenciou um crescimento no mercado turístico nacional, e um aumento nas ações de gestão pública desta atividade (BENI, 2006). Todo este cenário ampliou bastante o mercado de trabalho para profissionais desta área ao longo de muitos anos, o que pode ser visto em diversos estudos, como o apresentado por Maia e Pietro Neto (2015), por exemplo. Em consequência deste fato, também foi observado um aumento vertiginoso na oferta de graduações em turismo, ao longo de todo território nacional, mas com especial interesse em áreas litorâneas e onde a atividade turística já vinha acontecendo de alguma forma. Pode-se imaginar que este grande aumento na oferta de cursos de graduação foi muito influenciada pela política de estímulo do governo federal, que inicialmente esteve mais

direcionada para as vagas abertas em instituições privadas, mas que inevitavelmente acabou por influenciar também a abertura de vários cursos em instituições de ensino públicas (especialmente nas universidades federais), uma vez que foi observada grande demanda de alunos pelas oportunidades apresentadas na rede privada de ensino.

O processo de expansão dos cursos superiores de turismo no Brasil seguiu um novo caminho com o início do governo de Luís Inácio Lula da Silva, a partir de 2003. Enquanto os cursos de turismo na rede privada acabaram por exagerar na oferta de vagas, o que acabou por levar muitas graduações a encerrarem suas atividades por falta de estudantes, o Governo Federal criava uma política de estímulo às instituições públicas de ensino superior, o que culminou com a abertura de mais cursos e a ampliação de vagas na rede pública, fato este que também ajudou a reduzir a demanda de estudantes por cursos ofertados pela iniciativa privada (BRASIL, 2006; 2009; 2012).

Da mesma forma que o modismo pelo mercado turístico se reduzia, também era observada a readequação do mercado (SANTOS; KADOTA, 2012) de ensino que se configurava ao longo dos anos (SILVEIRA; MEDAGLIA; GANDARA, 2012), ações estas que contribuíram para uma redução bastante significativa, e anual, dos cursos superiores e do número de vagas ofertadas nos cursos de turismo em todo o Brasil. Tal situação ainda pode ser vista nos dias de hoje, uma vez que não tem sido fácil preencher todas as vagas dos cursos de turismo ofertadas em instituições públicas e privadas de ensino. Nem mesmo a realização de megaeventos como a Copa do Mundo de Futebol da FIFA, ou mesmo os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro foram capazes promover uma nova e vigorosa expansão dos cursos superiores de turismo no Brasil.

Além de um possível modismo vivido no início dos anos 2000, muitas outras razões podem ter contribuído para a redução destes cursos em todo o país. O pouco reconhecimento e valorização do mercado turístico frente à formação superior nesta área, e uma baixa oferta de postos de trabalho para profissionais de ensino superior (SOGAYAR, REJOWSKI, 2011), tendem a ser outros fatores que também acabam por gerar pouco estímulo à procura, e consecutiva não abertura de novos cursos superiores (TRENTIN; SILVA, 2010). É importante lembrar que a maior parte dos postos de trabalho no mercado turístico acabam por demandar baixo nível educacional e pouca habilidade técnica, o que muitas vezes pode ser conquistado por meio de cursos de nível técnico, formação profissionalizante ou apenas com o treinamento feito pela própria empresa (COOPER, 2001; LOHMANN; NETTO, 2008).

Assim como aconteceu em outros cursos de nível superior, pode-se dizer que o processo de avaliação do ensino dificilmente é uma tarefa consensual, sendo assim, acaba por gerar muitas críticas sobre a forma como é desenvolvido, seus objetivos e eficiência em conseguir avaliar aquilo que se propõe. Falando especificamente do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes para os cursos superiores de turismo, pode-se afirmar que este foi aplicado pela primeira vez no ano de 2006, e veio se repetindo nos anos de 2009, 2012 e 2015, sendo que os resultados deste último ainda não tinham seus microdados disponíveis no site do INEP, no momento da confecção deste artigo.

Um fato interessante sobre a relação do ENADE com os cursos superiores da área de turismo é que, apenas no ano de 2009, os cursos de graduação tecnológica foram avaliados, e o processo não foi repetido nem em 2012 e nem em 2015. Considerando que o ensino superior deve ser avaliado de forma sistêmica, como propõe o Sinaes, e os cursos superiores de tecnologia não foram convocados pelo INEP para serem avaliados pelo ENADE, é no mínimo interessante pensar como fica o processo avaliativo, dado que um ponto da tríade (avaliação da instituição, do curso e dos alunos) não vem sendo trabalhado desde o ano de 2009. Outro fato curioso é que, as notas do ENADE envolvem um comparativo dos resultados obtidos entre alunos ingressantes e alunos concluintes, mas no ano de 2009, grande parte dos cursos de graduação tecnológica da rede federal ainda não tinha alunos concluintes, já que começaram a funcionar a partir de 2008.

Frente a todo este contexto, é importante deixar clara a interrogação quanto à validade do ENADE para atribuir qualidade, ou não, aos cursos de graduação tecnológica em turismo. Apesar deste fato, os cursos superiores nas outras modalidades seguiram o processo de avaliação normalmente, sendo convocados pelo INEP nas demais edições já citadas aqui. Toda esta situação no mínimo diferente, entre outros fatos não mencionados aqui, ajudam a fomentar uma série de dúvidas sobre o ENADE enquanto instrumento adequado de avaliação do desempenho de estudantes (RAMOS; GARCIA, 2014).

Apesar das questões mencionadas até aqui, todos os dados apresentados neste artigo foram obtidos a partir do questionário socioeconômico que os estudantes respondem junto com a prova do exame. Mais que atribuir juízo sobre a adequação do ENADE, ou à falta desta, o estudo de dados proposto pelo presente artigo visa tentar

construir um breve perfil dos estudantes que fizeram o exame nos anos de 2006, 2009 e 2012.

Na próxima seção deste artigo, serão apresentados os elementos que nortearam a base metodológica para construir este trabalho.

5. METODOLOGIA

Para falar sobre a metodologia que norteou esta pesquisa, é importante começar pelos dados utilizados para a confecção deste trabalho. Com a proposta de valorizar e utilizar insumos já existentes e disponíveis gratuitamente, optou-se por fazer uso dos microdados ofertados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). A título de esclarecimento, é importante dizer que os microdados são a fonte de informação mais pura que um pesquisador pode utilizar. No formato digital, os microdados representam as respostas coletadas diretamente dos questionários de pesquisa, e inseridas de modo puro (sem qualquer mudança ou análise) em um arquivo digital, como uma planilha do Microsoft Excel, por exemplo. A partir destes microdados coletados no site do INEP, é possível criar tabelas, gráficos, cruzamento de informações e assim desenvolver um sem número de análises. Sobre o programa computacional em questão, o Microsoft Excel, pode-se dizer que esta foi a ferramenta utilizada para gerenciar os dados obtidos junto ao INEP.

No desenvolvimento deste estudo, trabalhou-se com todos os dados de 2006, 2009 e 2012 do ENADE, para os cursos superiores de turismo. Ainda que o ENADE de 2015 também tenha avaliado os cursos superiores desta área, os microdados desta edição ainda não estavam disponíveis no site do INEP, no momento da confecção deste artigo. Ainda sobre os dados utilizados, é importante dizer que, devido a uma mudança de metodologia apresentada pelo INEP, em algumas tabelas e questões não foi possível utilizar os dados do ano de 2006, já que as informações deste período foram coletadas de maneira diferente que os processos utilizados em 2009 e 2012.

O processo de avaliação do ENADE envolve uma pesquisa amostral coordenada pelo INEP, e que visa apresentar resultados que falem sobre toda realidade dos cursos de turismo no Brasil. Pode-se dizer que todos cursos de graduação plena (com duração de 4 anos) em turismo foram avaliados, mas nem todos alunos destes cursos são sorteados para fazer a prova. O processo de amostragem do ENADE envolve todos

cursos já citados, mas seleciona uma amostra de alunos do curso para representar o total de estudantes matriculados em cada graduação.

Mesmo que os dados utilizados neste estudos sejam frutos de uma pesquisa amostral, pode-se dizer que a amostra trabalhada neste artigo foi desenvolvida pelo INEP, com o intuito de ter representatividade estatística para expor seus resultados como sendo uma realidade de todo o Brasil.

No desenvolvimento deste trabalho, optou-se por usar apenas os dados de perfil sócio econômico dos estudantes avaliados, uma vez que estas informações podem trazer algo que tem sido pouco estudado no universo de pesquisas em turismo feitas no Brasil, ou seja, informações sobre o perfil do estudante que tem ocupado as vagas de graduação nesta área em todo o território nacional.

Continuando a falar sobre metodologia que guia este trabalho, é possível classificar o presente estudo como uma pesquisa de caráter descritivo (VEAL, 2011). Pode-se considerá-la desta forma por trabalhar com a descrição de dados coletados junto ao INEP, de modo a extrair informações de grandes arquivos numéricos, e tentar humaniza-los, transforma-los em informação social ao tentar descrevê-los, de modo que vire algo útil e compreensível para os leitores e leitoras deste trabalho. Para melhor desenvolver o processo de resumo e descrição dos dados, optou-se por fazer o uso de tabelas e gráficos, como sugerem Triola (2005) e Bussab e Morettin (2009), quando estes nos explicam quais são boas formas de compreender e resumir grandes volumes de dados.

É importante dizer que, por ser um artigo acadêmico, este trabalho apresenta uma série de limites e restrições que precisam ser respeitadas, como por exemplo o número de páginas e sua amplitude de estudo, sendo assim, por este motivo, pode-se afirmar que poucas variáveis foram utilizadas para a elaboração deste estudo.

Pela representatividade das mulheres em nossa sociedade, e pela atualidade das questões de gênero nos dias de hoje, optou-se por desenvolver cruzamentos de variáveis e análises que mostrassem algumas diferenças entre os públicos masculino e feminino nos dados obtidos junto ao INEP.

Na próxima seção deste artigo, terá início o processo de exposição dos dados e análise dos resultados.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para dar início ao trabalho de análise dos resultados, observe a tabela de número 1.

		Homens	% dos Homens	Mulheres	% das Mulheres	Total	% do Total
2006	Inscritos	6029		14375		20404	
	Presentes	4626	76,73	12202	84,88	16828	82,47
	Ausências	1403	23,27	2173	15,12	3576	17,53
2009	Inscritos	5540		13553		19093	
	Presentes	3977	71,79	10684	78,83	14661	76,79
	Ausências	1563	28,21	2869	21,17	4432	23,21
2012	Inscritos	2177		4971		7148	
	Presentes	1445	66,38	3756	75,56	5201	72,76
	Ausências	732	33,62	1215	24,44	1947	27,24

Tabela 1 - Número e porcentagem de alunos dos cursos superiores de turismo, por sexo, na condição de inscritos, presentes e ausentes, nas edições 2006, 2009 e 2012 do ENADE.

Fonte: BRASIL, 2006; 2009; 2012.

De acordo com este primeiro resumo de dados, é possível notar o número de inscritos, presentes e ausentes, nas edições de 2006, 2009 e 2012 do ENADE, quando os cursos superiores de turismo foram analisados. Ainda segundo esta primeira tabela, é possível ver o número total para cada categoria mencionada, e também as quantidades por gênero.

Com base nos dados da tabela 1, é possível notar que o número de inscrito reduziu drasticamente de 2006 à 2012, e que a proporção de candidatos presentes também sofreu uma queda de quase 10% entre a primeira e a terceira edição em que os cursos de turismo foram avaliados.

Ao comparar os números de inscrição e presença no exame nacional, com base nas categorias de gênero, é fácil notar que as mulheres apresentaram melhores resultados que os homens, ou seja, são ampla maioria no total de inscritos para fazer as provas do ENADE (as mulheres representam algo similar a duas vezes mais estudantes que os do público masculino) pelo curso de turismo, e também apresentam menor porcentagem de ausência no exame, se comparadas aos estudantes do sexo masculino.

Apesar da elevada queda no total de inscritos para as edições mais recentes do ENADE (referente aos anos de avaliação dos cursos superiores de turismo), é possível atribuir esta redução a um provável declínio no número e cursos superiores de turismo em todo o Brasil, fruto de um ajuste do próprio mercado, que anos atrás ofertou vagas

em excesso, e não encontrou demanda para tantas oportunidades. Em razão deste fato, nota-se que nos últimos 10 a 15 anos, muitas instituições estão realizando um processo de fechamento de vários cursos em todo o país.

Seguindo mais informações sobre o perfil dos alunos de cursos superiores de turismo no Brasil, é interessante observar o gráfico de número 1.

Pela apresentação gráfica da imagem, o gráfico 1 mostra um comparativo entre a média de idade, para homens e mulheres, que estavam inscritos para fazer o ENADE pelos cursos de turismo. Ao checar este gráfico com a tabela número 1, é interessante observar que nas 3 edições do ENADE, as mulheres tinham idade média inferior à dos homens, e têm ingressado em maior número nestas graduações. Isto pode representar um indício que as mulheres estão indo cursar o ensino superior antes seus contemporâneos de sexo oposto, e talvez demonstrem um provável interesse maior pela continuidade de sua formação educacional.

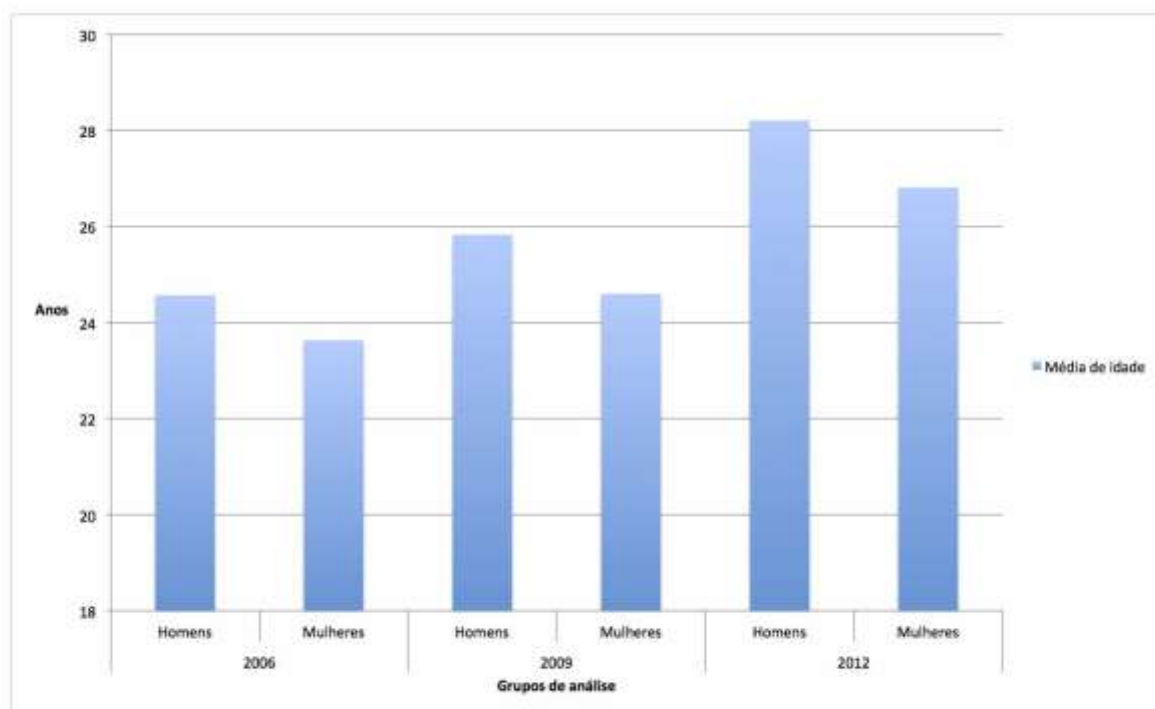


Gráfico 1 - Média de idade dos alunos de cursos superiores de turismo, por sexo, inscritos nas edições do ENADE em 2006, 2009 e 2012.

Fonte: BRASIL, 2006; 2009; 2012.

Dando continuidade à investigação sobre algumas características apresentadas pelos estudantes que fizeram o ENADE de turismo entre 2006 e 2012, observe a tabela de número 2.

Sexo	Categorias de autodeclaração racial	2009		2012	
		Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Homens	Sem resposta	2890	52,2	648	29,7
	Branco(a)	1656	29,9	866	39,8
	Negro(a)	238	4,3	140	6,4
	Pardo(a) mulato(a)	664	12	466	21,4
	Amarelo(a) (de origem oriental)	57	1	27	1,2
	Indígena ou de origem indígena	35	0,6	30	1,4
	Total	5540	100	2177	100
Mulheres	Sem resposta	6521	48,2	1065	21,5
	Branco(a)	4257	31,4	2185	44
	Negro(a)	572	4,2	333	6,7
	Pardo(a) mulato(a)	1954	14,4	1270	25,5
	Amarelo(a) (de origem oriental)	154	1,1	76	1,5
	Indígena ou de origem indígena	95	0,7	42	0,8
	Total	13553	100	4971	100

Tabela 2 - Frequência e porcentagem de alunos dos cursos superiores de turismo, por sexo e categoria racial autordeclarada, inscritos nas edições 2009 e 2012 do ENADE.

Fonte: BRASIL, 2009; 2012.

De acordo com a tabela 2, é possível observar o número e a porcentagem de candidatos inscritos para os anos de 2009 e 2012 do exame nacional em questão, segundo critérios de gênero, e auto declaração racial. Da edição 2009 para 2012, é interessante notar que ocorreu um aumento percentual de pessoas que deixaram de omitir sua raça auto declarada. Tanto o grupo masculino quando o feminino, passaram a declarar de forma mais representativa a que grupo racial consideram pertencer.

Sobre esta questão, é interessante notar que ainda existe uma percebida maioria branca nas pessoas que faziam os cursos superiores de turismo, tanto em 2009 quanto em 2012. O volume de pessoas que se auto declaravam brancas ficou próximo de 40% do total, tanto no ano de 2009 quanto em 2012. É importante notar que esta proporção, vista na prova do ENADE, não tende a representar adequadamente a miscigenação do povo brasileiro em seu cotidiano.

Outro número importante desta checagem é saber qual o total de pessoas que se enquadraram no grupo de não resposta. Se no ano de 2009 a não resposta chegava a quase 50% dos resultados do ENADE (para as questões de critério racial), este valor caiu para algo em torno de 29% (no caso dos homens) e 21% (no caso das mulheres) no ano de 2012; uma queda bem representativa; mas ainda assim fora da realidade que se

observa nas ruas das cidades brasileiras. O percentual de 21% à 29% de não resposta pode ser interpretado de diferentes maneiras, como: não resposta por ausência do candidato na prova; não resposta por opção do candidato; não resposta por vergonha de sua situação racial; não resposta para evitar polemizar este tipo de questão; entre outras possibilidades.

Sexo	Faixas de renda familiar, aprox.	2009		2012	
		Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Homens	Ausente ou questionário socioeconômico em branco	2896	52,3	648	29,7
	Nenhuma	84	1,5	41	1,9
	Até 1,5 salário mínimo (até R\$ 697,50)	232	4,2	179	8,2
	Acima de 1,5 até 3 salários mínimos (R\$ 697,51 a R\$ 1.395,00)	655	11,8	390	17,9
	Acima de 3 até 4,5 salários mínimos (R\$ 1.395,01 a R\$ 2.092,50)	538	9,7	301	13,8
	Acima de 4,5 até 6 salários mínimos (R\$ 2.092,51 a R\$ 2.790,00)	293	5,3	204	9,4
	Acima de 6 até 10 salários mínimos (R\$ 2.790,01 a R\$ 4.650,00)	422	7,6	250	11,5
	Acima de 10 até 30 salários mínimos (R\$ 4.650,01 a R\$ 13.950,00)	331	6	141	6,5
	Acima de 30 salários mínimos (mais de R\$ 13.950,01)	89	1,6	23	1,1
Total	5540	100	2177	100	
Mulheres	Ausente ou questionário socioeconômico em branco	6550	48,3	1067	21,5
	Nenhuma	207	1,5	87	1,8
	Até 1,5 salário mínimo (até R\$ 697,50)	672	5	532	10,7
	Acima de 1,5 até 3 salários mínimos (R\$ 697,51 a R\$ 1.395,00)	1966	14,5	1152	23,2
	Acima de 3 até 4,5 salários mínimos (R\$ 1.395,01 a R\$ 2.092,50)	1404	10,4	758	15,2
	Acima de 4,5 até 6 salários mínimos (R\$ 2.092,51 a R\$ 2.790,00)	788	5,8	487	9,8
	Acima de 6 até 10 salários mínimos (R\$ 2.790,01 a R\$ 4.650,00)	1010	7,5	558	11,2
	Acima de 10 até 30 salários mínimos (R\$ 4.650,01 a R\$ 13.950,00)	778	5,7	291	5,9
	Acima de 30 salários mínimos (mais de R\$ 13.950,01)	178	1,3	39	0,8
Total	13553	100	4971	100	

Tabela 3 - Frequência e porcentagem de alunos dos cursos superiores de turismo, por sexo e faixa de renda familiar, inscritos nas edições 2009 e 2012 do ENADE.

Fonte: BRASIL, 2009; 2012.

Para concluir a análise sobre a tabela de número 2, é importante observar que tanto para o público masculino, quanto para o grupo feminino, o percentual de estudantes que se auto declararam como negros foi extremamente baixo, ou seja, ficou apenas em torno de 4% a 6% do total de candidatos inscritos em cada edição do ENADE aqui investigada (2009 e 2012). Mesmo com o a expansão das políticas de ação afirmativa, é interessante observar que os espaços de ensino superior no Brasil ainda representam um ambiente de muita segregação racial.

Seguindo com o processo de análise dos resultados para este estudo, observe os dados da tabela de número 3. Como pode ser visto na tabela em questão, é válido observar que uma porcentagem maior de estudantes passou a se declarar em grupos de renda média familiar mais elevada, ou seja, os candidatos avaliados pelo ENADE deram um real indício que sua renda familiar melhorou ao longo dos 3 anos que separam estas edições do exame nacional.

Ainda falando sobre o acesso de categorias sociais a níveis de renda familiar mais elevada, é interessante observar que o crescimento se deu tanto para o grupo de mulheres quanto de homens, sem grandes discrepâncias entre os gêneros.

Seguindo para um novo foco, será trabalhada agora a análise do conteúdo apresentado na tabela de número 3, que nos mostra a frequência de inscritos no ENADE, segundo critérios de gênero, ano, e situação de trabalho.

Sexo	Situação sobre estar trabalhando ou não, e carga horária de trabalho, na época de aplicação da prova do ENADE	2009		2012	
		Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Homens	Ausente ou questionário socioeconômico em branco	2883	52	651	29,9
	Não estou trabalhando	927	16,7	444	20,4
	Trabalho eventualmente	237	4,3	143	6,6
	Trabalho até 20 horas semanais	122	2,2	81	3,7
	Trabalho mais de 20 horas semanais e menos de 40 horas semanais	373	6,7	241	11,1
	Trabalho em tempo integral - 40 horas semanais ou mais	998	18	617	28,3
	Total	5540	100	2177	100
Mulheres	Ausente ou questionário socioeconômico em branco	6508	48	1080	21,8
	Não estou trabalhando	3174	23,4	1527	30,7
	Trabalho eventualmente	489	3,6	266	5,4
	Trabalho até 20 horas semanais	292	2,2	245	4,9
	Trabalho mais de 20 horas semanais e menos de 40 horas semanais	979	7,2	579	11,6
	Trabalho em tempo integral - 40 horas semanais ou mais	2111	15,6	1274	25,6
	Total	13553	100	4971	100

Tabela 4 - Frequência e porcentagem de alunos dos cursos superiores de turismo, por sexo e situação quanto a trabalho, inscritos nas edições 2009 e 2012 do ENADE.

Fonte: BRASIL, 2009; 2012.

De acordo com as informações que podem ser verificadas na tabela 4, é interessante notar que, de 2009 pra 2012, tanto para homens quanto para mulheres, houve um crescimento percentual de pessoas que se declaram trabalhando em algum tipo de emprego. Mesmo que também tenha ocorrido um maior número de pessoas que argumentam não estar trabalhando, é importante verificar que o índice de não resposta tem se reduzido, o que ajuda os pesquisadores da área a ter mais compreensão sobre o comportamento dos estudantes.

Ao dar continuidade às análises da tabela de número 4, uma situação interessante de ser observada é que o percentual de pessoas que declararam trabalhar em turnos de 40 ou mais horas, aumentou entre os anos 2009 e 2012. Um aspecto importante deste aumento da proporção de pessoas que trabalham 40 ou mais horas semanais, é que estas mesmas pessoas tendem a apresentar menos tempo para se dedicarem aos estudos, ou seja, terão menos tempo disponível para usar os momentos de estudo fora da sala de aula, tão importantes no processo de formação superior. Da mesma forma que o trabalho agrega experiência profissional ao funcionário, a dedicação

pouco racional a serviços que demandam baixa capacitação, também não agrega grande vivência ao profissional que visa se consolidar a partir do ensino superior de turismo. Por este motivo, mesmo que uma boa remuneração possa ser ofertada para trabalhos focados em estudantes de graduação, é sempre bom equilibrar a dedicação à momentos de estudo e momentos de trabalho, além de outros momentos que também ajudam a compor o dia a dia de um indivíduo.

Para encerrar as análises deste artigo, observe a tabela de número 5.

Sexo	Tempo de estudo semanal, aproximadamente	2009		2012	
		Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Homens	Ausente ou questionário socioeconômico em branco	2893	52,3	656	30,1
	Nenhuma, apenas assisto às aulas	448	8,1	194	8,9
	Uma a três	1432	25,8	811	37,3
	Quatro a sete	481	8,7	326	15
	Oito a doze	195	3,5	115	5,3
	Mais de doze	91	1,6	75	3,4
	Total	5540	100	2177	100
Mulheres	Ausente ou questionário socioeconômico em branco	6521	48,2	1087	21,9
	Nenhuma, apenas assisto às aulas	881	6,5	382	7,7
	Uma a três	4104	30,3	2246	45,2
	Quatro a sete	1316	9,7	844	17
	Oito a doze	455	3,4	279	5,6
	Mais de doze	276	2	133	2,7
	Total	13553	100	4971	100

Tabela 5 - Frequência e porcentagem de alunos dos cursos superiores de turismo, por sexo e tempo de estudo semanal declarado, inscritos nas edições 2009 e 2012 do ENADE.

Fonte: BRASIL, 2009; 2012.

De acordo com as informações apresentadas neste espaço, é possível encontrar dados sobre o tempo semanal de dedicação aos estudos, segundo declaração feita pelo próprio aluno. Conforme pode-se notar, existe uma diferença razoável entre o tempo de estudos indicado pelas mulheres, e o mesmo item apresentado pelos homens. Pode-se ver que, em quase todas opções de dedicação além da presença em sala de aula, o tempo investido pelas mulheres parece ser sempre maior que o dos homens. Outro fato importante de considerar é a limitação de tempo que existe no grupo de pessoas com carga horária semanal a 40 horas de trabalho. Mesmo que este cruzamento não tenha sido apresentado nesta tabela, é possível imaginar que os grupos que relatam maior tempo de estudo semanal tendem a ser, na grande maioria, pessoas com menor jornada de trabalho, o que obviamente lhes permite mais tempo livre para elevar seu aproveitamento na faculdade.

Com o fim da análise dedicada à tabela 5, o próximo passo é seguir para as considerações finais, de modo a expor alguns pensamentos que ajudem a mostrar a contribuição que este estudo pode trazer para o campo de turismo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tão importante quanto acompanhar a evolução do conhecimento em uma área, é o processo de seguir a evolução daqueles que estudam este campo. Ao trazer esta ideia para o turismo, é válido pensar que não adianta somente debruçar sobre as teorias ou análises deste mercado, e não manter os olhos atentos sobre quem estuda e se capacita para atuar nesta área de conhecimento.

Baseado em dados empíricos do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (o ENADE), o presente estudo buscou apresentar um breve panorama sobre o perfil do estudante que tem ocupado as cadeiras dos inúmeros cursos superiores de turismo em todo o Brasil. Sabe-se que o mercado tem mudado, que a educação no país tem passado por diferentes transformações, e obviamente o campo do turismo não fica ileso a todo este processo. Muitos cursos de turismo têm fechado, o número de alunos já não é o mesmo ao longo dos anos, e o modismo do mercado turístico já não seduz os candidatos a universitários como a tempos atrás. Em meio a toda esta mudança, é fundamental manter os olhos atentos sobre como estão funcionando os cursos superiores que seguem com suas atividades, e qual o perfil dos alunos que ocupam as vagas disponíveis.

Mesmo que o ENADE não seja um estudo censitário, ou seja, uma pesquisa que avalie todos alunos de turismo do Brasil, pode-se dizer que este exame nacional se apresenta como uma boa pesquisa amostral, tecnicamente estabelecida e fundamentada em princípios estatísticos. Considerando estes elementos, pode-se sim afirmar que os resultados obtidos via ENADE, ou a partir de resultados apresentados por este exame, nos dão uma boa dimensão do cenário nacional que diz respeito aos cursos superiores de turismo.

Das informações coletadas e analisadas para este artigo, é válido destacar a grandeza proporcional que as mulheres representam dentro dos cursos de turismo. O que facilmente se consegue ver nas salas de aula, os números do ENADE ajudam a confirmar que trata-se de uma imagem que espelha o cenário brasileiro como um todo.

Outro fato interessante de ser apresentado aqui, é como as mulheres apresentam indícios de um comportamento mais produtivo que os homens, ou seja, proporcionalmente elas se dedicam mais tempo ao curso superior de turismo que os homens, apresentaram maior frequência que o público masculino no ENADE, e também apresentam menor idade média que o gênero oposto, ou seja, provavelmente as mulheres tem entrado no ensino superior de turismo mais cedo que os homens. Informações como estas não representam um perspectiva de guerra de sexos, ou mesmo de quem é melhor; elas apenas ajudam a perceber que o público feminino parece tentar reagir a anos e anos de restrições sociais, privações de direitos, ou mesmo sub-valorização de suas capacidades. Ainda que os resultados destes exames avaliados aqui não sejam a melhor fonte de informação para tratar de questões de gênero, é inegável que ele apresenta resultados capazes de nos remeter a este assunto.

Outros fatos interessantes de serem apresentados nestas considerações finais são: as melhorias no que diz respeito à elevação da renda média familiar, já que em 2012 mais estudantes afirmaram ter progredido nos grupos de renda; e também mais pessoas se consideraram aptas a se autodeclarar como pertencentes a alguma categoria racial, o que de fato pode ser interpretado como positivo, caso se pense na questão do orgulho e aceitação pessoal, ou como algo negativo, caso se trabalhe com a perspectiva desta pergunta incentivar as pessoas a se verem como pertencentes a apenas um grupo, e fora de todos outros.

Antes de encerrar este artigo, é importante deixar claro que a análise aqui apresentada é uma perspectiva bastante resumida, incapaz de lidar com toda complexidade do perfil que de fato existe no grupo de estudantes dos cursos superiores de turismo que fizeram o ENADE. Mesmo sendo uma contribuição pontual, o que de fato cabe a um artigo acadêmico, é fundamental insistir que o estudo aqui apresentado visa somente contribuir com a percepção de um problema de pesquisa maior, mais complexo; e que o trabalho apresentado aqui tenta ser, pelo menos, um passo a mais na tentativa de obter avanços nos estudos sobre quem é, ou quem são os estudantes que têm cursado graduação em turismo no Brasil, e sob quais circunstâncias o processo de formação destas pessoas tem ocorrido.

8. REFERÊNCIAS

ALONSO, Kátia Morosov. A expansão do ensino superior no Brasil e a EaD: dinâmicas e lugares. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1319-1335, dez. 2010.

BARROS, Aparecida da Silva Xavier. Expansão da educação superior no Brasil: limites e possibilidades. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 36, n. 131, p. 361-390, jun. 2015.

BENI, M. C. *Política e planejamento de turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2006.

BRASIL. *Microdados ENADE*. Brasília: Ministério do Turismo, 2006; 2009; 2012. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-levantamentos-acessar>>. Acesso em: 12 set. 2016

BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. *Estatística Básica*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

CASSIANO, Keila Mara et al. Distribuição espacial dos polos regionais do Cederj: uma análise estatística. *Ensaio: avaliação de políticas públicas em educação*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 90, p. 82-108, Mar. 2016.

CACHO, A. N. B; AZEVEDO, F. F. O turismo no contexto da sociedade informacional. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 31-48, 2010.

COOPER, Chris et al. *Turismo, princípios e prática*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

LOHMANN, G.; NETTO, A. P. *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph, 2008.

MAIA, A. G.; PIETRO NETO, J. P. Análise das estruturas do mercado turístico no Brasil: um estudo baseado no número de empregados. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 82-118, 2015.

MANCEBO, D.; VALE, A. A.; MARTINS, T. B. Políticas de expansão da educação superior no Brasil 1995-2010. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, p. 31-50, mar. 2015.

MATIAS, Marlene. Turismo: o ensino de graduação no Brasil. *Turismo e Sociedade*, v. 5, n. 1, abr. 2012.

POLIDORI, M. M. Políticas de avaliação da educação superior brasileira: Provão, SINAES, IDD, CPC, IGC e... outros índices. *Avaliação (Campinas)*, Sorocaba, v. 14, n. 2, p. 439-452, jul. 2009.

RAMOS, M. G. G.; GARCIA, T. E. M. Cursos Superiores de Turismo & Enade: uma abordagem do desempenho acadêmico. *XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, Universidade do Estado do Ceará, 2014.

SANTOS, G. E. O.; KADOTA, D. K. *Economia do Turismo*. São Paulo: Aleph, 2012.

SANTOS, G. E. O.; COSTA, B. V.; MALERBA, R. C. Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo: empregabilidade, perspectivas e percepções do egresso do IFSP. *Revista Turismo em Análise*, Brasil, v. 26, n. 3, p. 719-742, dec. 2015.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J.; GANDARA, J. M. G. Quatro décadas de ensino superior de turismo no Brasil: dificuldades na formação e consolidação do mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral. *Turismo: Visão e Ação*, v. 14, n. 1, p. 6-18, 2012.

SOGAYAR, R. L.; REJOWSKI, M. Ensino superior em Turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão. *Turismo: Visão e Ação*, v. 13, n. 3, art. 1, p. 282-298, 2011.

TRENTIN, F.; SILVA, E. M. C. Motivos para escolha do Curso de Turismo. *Turismo: Visão e Ação*, v. 12, n. 2, art. 4, p. 204-215, 2010.

TRIOLA, M. F. *Introdução á Estatística*. 9ª Edição, São Paulo: Ed. LTC, 2005.

VEAL, A. J. *Metodologia de pesquisa em lazer e turismo*. São Paulo: Aleph, 2011.